

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Novembro de 1895.

NUM. 28

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Número avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARY:—Os quinze dias, Moacyr Jurema;—No Ceará, Carlos Porto Carneiro;—Que teria dito o Fritz?, Bruno Jacy;—Na matia, Antonio Salles;—A festa da liberdade, José Carvalho;—Introdução às «Bucolicas», Sabino Baptista;—Bibliographia, B. J.;—A*, Antonio do Castro;—Aventuras do Zé Guedes, Antonio Bezerra;—Sombras, Rodolpho Thnophilo;—Album de estudos, A. S.;—Sobre o lago, Avellar Filho;—Archivo;—Imprensa Litteraria, Satyro Alegroto;—Carteira.

Os quinze dias

N'uma quinzena como esta já vale a pena a gente ser cronista.

Basta o facto de estar nella incluído o anniversario da Republica para encher a completamente.

Está ficando taludinha a nossa Republica—e em breve atingirá a phaze da puberdade e da consequente profligação.

Como si não bastasse ao seu desenvolvimento a iniciação do governo civil, vem agora uma reacção monarchica congragrar-lhe os elementos e concentrar-lhe as forças.

Os sebastianistas, cansados de não fazer nada, aproveitam os lazeres da sua ociosidade festejando os annos do nosso ex-futuro imperador a salvas de champagne.

Entre as figuras do sport restaurador ha duas que são bastante sympathicas, palavra de honra.

Eduardo Prado e Affonso Celso, ambos ricos, talentosos e até bonitos, esforcando-se por espancarem os tédios da chatissima vida que se leva n'estes Brazils, divertem-se em fazer da antiga bandeira do Imperio uma bandeira de *starter* para dar signal de partida as idéas anti-republicanas que alguns patriotas occultavam no encoberto das suas convicções politicas.

E' um divertimento como outro qualquer.

A' guisa de programma das corridas restauradoras publicou Affonso Celso um pamphlete—*Aos monarchistas*, onde o advento do throno é considerado infallivel.

Mas o diabo é que o Affonsinho insiste que se deve começar restaurando a monarchia para depois se cuidar da individualidade do futuro remanente.

Pois olhem que eu sempre preferia que se começasse por este.

Como é que os homens que tanto discutem as individualidades da Republica pedem aos seus patriotas para se baterem por uma causa que não se corporifica em uma individualidade cujo movimento justifique o sacrificio que por ella se faça?

O occupante legal do throno seria a excellente matrona Condessa d'Eu, muito boa pessoa—muito *bona mentee*, e tão sympathica que até a gente lhe perdôa o ter-se casado com o Sr. Gastão de Orleans.

Mas esta senhora que tão bem dirige a sua casa, que sabe talvez pregar um botão e possui outras habilitades domesticas, tem de certo as mãos muito delicadas—mãos de princeza—para bolear o carro do nosso progresso.

Os seus filhos e sobrinhos são talvez rapazes intelligentes e talvez nem todos tenham o costume de rapiar as filhas alheias, mas me parece que não dariam ao paiz a direcção magistral que dão por ventura a um phaeton, a um yacht de recreio ou a um cotillon.

Para aquelle fim, prefiro o nosso velho Prudente, e não seria eu quem recusasse ao Affonso Celso ou ao Eduardo Prado o meu voto para Presidente da Republica.

Hão de concordar os dous illustres e distinctissimos agitadores que o defeito capital do regimen monarchico é o direito de hereditariedade.

A árvore humana é de uma irregularidade desoladora na sua fructificação. De Napoleão o Grande sahio Napoleão o pequeno, de Frederico o Grande sahio esse pequenino Guilherme, que escandalisa o mundo com as suas diabruras de menino malcriado, e de Pedro de Alcantara sahio a senhora Isabel a quem si outros requisitos não faltassem, falta o de ser homem.

Estes frangos rebentos, mais pequeninos e inviaes parecem ao po-

dos robustos troncos que os produziram.

E quando os povos têm a longanidade de consentir que elles substituam aos seus progenitores é para se darem ao trabalho de vigiar-lhes os actos, o que da em resultado um governo de ficção em que a figura do soberano se annulla ante os talentos dos que o ecream.

Si Affonso Celso pai teve a felicidade de ter um filho como tem si na familia, Prado se contam as capacidades pelo numero de varões, nem todas as familias se podem galar disto mesmo quando pertençam ao numero das que nascem com o sulco onde tem de assentar uma corôa.

Não fosse isto, e seria tolice fazer questão de forma de governo.

Que importa que o soberano se chame rei ou presidente sendo elle um escolhido do povo?

Gerarem os ventres reaes individuos que tenham de fatalmente governar os povos, possuem ou não intelligencia, honestidade e bom senso—é que não é compativel com o estado da humanidade de hoje.

A divindade em si já não gosa de muitos direitos—e como poderá ella concedel-os a pampolhos que o acaso fez nascer principes?

Não, senhores, monarchistas, confessem que estão brincando.

Voltar ao antigo regimen é remar contra corrente da Democracia, que, como todas as correntes sociaes, vem de longe e para longe vai—cada vez mais larga e mais impetuosa.

Falar em monarchia hoje é clamar no deserto, é remar contra a maré, é malhar em ferro frio, é rolar a pedra de Sisypho, é fazer enfim todas essas cousas em que se perde o tempo e o latim.

Agora si os restauradores não tem mais que fazer, façam propaganda monarchica porque diverte e dá que falar.

E até indirectamente, é um acto de patriotismo.

O sebastianismo militante terá a mesma função da vesícula biliar no organismo humano.

E a nossa Republica—bem mal começada, valha a verdade—guerranda e fiscalizada, entrará nos eixos, e será obrigada a ruir pelo caminho de onde a tem desviado a indisciplina e a falta de patriotismo dos seus proprios colidos.

A França talvez não fosse hoje a for-

midável potencia que todo o mundo respeita si os feios do Duque de Orleans não lhe movessem a guerra surda e constante em que se empenham com uma pertinácia digna de melhor emprego.

Que venha o jornal do Sr. Laet; o progresso que têm feito nestes seis annos as industrias, o commercio e as artes lhe proporão onerosos recursos para manter-se.

Nós estamos precisando muito de um orgão de severa opposição e de critica vehemente para fiscalizar-nos.

Mas por Deus não fechem os olhos ás conquistas das novas intuições, não queiram negar que o povo brasileiro já não é mais a multidão passiva e inconsciente, domesticada pelas sabias e mauhas mãos do senhor D. Pedro de Alcantara.

Os brasileiros são hoje um povo que briga, mas que pensa e trabalha.

Com Affonso Celso eu d'aqui clamo: — Monarchistas a postos!

MOACYR JUREMA

No Ceará

AOS MEUS AMIGOS DA PADARIA ESPIRITUAL.

*Sonhei-me no Ceará; e aqui descrevo
A paisagem que vi, chegando ao porto;
Esta imagem mantem-me tão absorto
Como si me antolhasse n'um relicio.*

*Mur verde-claro... Qual cetro morto
Arfa o náoio n'um ethereo enleco...
Fêrre a espuma acolá... Mas eu me
atrego
A tomar a jangada... E as ondas corto.*

*Eis-me em terra. Percorro a casaria
Da Cidade da Luz. « A Padaria! »
« A prosa intelligente do Jurema! »*

*Sinto-me leco... expando-me risinho...
Ledo a escutar (mas cejam o que é
sonho)
O canto da jandua de Iracema.*

Recife, 12 de Outubro, 95.

CARLOS PORTO CARREIRO.

Que teria dito o Fritz?

E' muito natural que vocês não tenham conhecido o meu visinho Brown, um visinho excellento, podem ficar certos.

E' verdade que o meu visinho Brown quasi que não era meu visinho, ficando as nossas casas separadas pelo vasto pomar, pela estrada e mais ainda pela differença das nossas posições sociais.

O meu visinho possuia muitas cousas que me faltavam, *verbi gratia*: uma bonita chácara, um bellissimo jardim, muito dinheiro, uma obesidade mais que regular, duas filhas muito galantes e uma creada ou aia que assistia com as meninas.

As duas filhas do meu visinho Brown tinham uma doizo outra cinco annos, e eu sempre tive queda pelas crean-

ças. A aia era natural da Prussia, e eu andava doido por aprender o allemão.

E como as tres andavam quasi todas os tapetes a passear pelas circumvisinhanças, não é extranhavel que eu, tendo então meus vinte annos, aproveitasse o ensejo para fazer festas ás creanças e exercitar-me praticamente no allemão.

A governanta, que dava pelo nome de Luiza, era uma rapariga muito nova, pequena de estatura, agradável de feições, e desembaraçada nos modos.

Era um tanto roliça de formas, talvez em demasia mesmo; isso porem pouco importa a um rapaz de vinte annos, que está disposto a aprender o allemão.

Uma excellente creatura a Luiza. Não imaginam vocês a amavel descendencia com que ella se prestava a ensinar-me sua lingua.

Ao fim de poucos encontros já tínhamos chegado a mais completa intimidade.

E era um prazer, aceditem, prolongar o passeio por aquelles arredores pittorescos e accidentados em companhia das tres interessantes creaturas, discorrendo e aprendendo.

Quando digo tres, erro, porque seria de minha parte grave injustiça não mencionar o Fânior — um enorme cão preto e cabelludo, que dava a mão a apertar, sério como um senhor encasacado, e ficava tomando sentido as meninas, empunhando a Luiza deixava de impellir o carrinho da mais nova para me dar lições de allemão.

Difficilmente eu acharia um professor tão agradável.

Expansiva e loquaz, ella contou-me sua vida. Era noiva; e enquanto o noivo completava o seu tempo de serviço militar, ella, para fazer um penclio se havia engajado por tempo correspondente, como aia de creanças naquelle familia ingleza. Faltava-lhes pouco mais de um anno; então se casariam.

A's vezes me parecia que ella se empenhava em juntar o seu penclio com mais actividade e menos cautela do que era de esperar em uma noiva, e cheguei a perguntar-lhe si não achava que deveriam ser desagradaveis ao noivo as familiaridade que ella tomava com-migo e provavelmente com outros.

— Oh! não! Fritz não tem essas tolices!...

Achei muito bem entendido esse modo de pensar do Fritz, e calorosamente o applaudi fazendo minhas reservas mentaes.

Ella me fallava muito no Fritz e mostrou-me o retrato d'elle, com um formidavel capacete pontegado; mostrava-me tambem cartas, cuja calligraphia, não menos pontegada me ajudava a decifrar.

Decididamente o rapaz era predestinado ás cousas pontegadas.

— E si tivesse de levar para a Alemanha um brasileiroinho? perguntei-lhe de outra vez.

— Fritz o adoptaria, respondeu ella como si se tratasse de uma hypothese prevista desde muito.

Nesse momento redobrou a minha admiração pela magnanimidade daquelle grande homem que dava pelo

nome de Fritz, ao qual fiquei votando uma agradecida sympathia.

Não duraram porem muito as nossas lições.

Depois de ter passado muitos dias sem ver a Luiza, ella me appareceu muito triste e chorosa. Tinha as feições inteiramente mudadas, mas com um aceno me respondeu logo que não estivera doente. Fora despedida, expulsa quasi e do que modo!...

Só então reparei que certas saudades naturaes muito se lhe haviam accentuado e desenvolvido.

La voltar para a Europa ao primeiro paquete; e, apesar da confiança que mostrava ter na longanimidade do Fritz, parecia-me bastante apprehensiva.

Nunca mais a vi, mas uma vez por ou ra inda me lembro da rolica prosaica e muito grato ficaria a quem me respondesse a esta pergunta, que então me occorre:

— Que teria dito o Fritz?...

BRUNO JACY.

Ceará, 1895.

Na matta

A GARCIA REDONDO

*Como nos templos desertos,
No seio da matta existe,
Esparsos em traços incertos,
Um rago mysterio triste.*

*Eu gosto ás vezes de andar
Sossado por entre as arvores
Que, como as silentes marmores
Dos templos, fazem scismar.*

*D'esse calmo isolamento
Meigo consolo resumbra,
E em deliciosa penumbra
Mergulha-se o pensamento...*

*Quando acuso a voz de uma arce
O caro silencio acorda
E' como um gigante náo
A vibração de uma corda.*

*Antigo fetiche informe,
Carcomida pelas eras,
Frio penhasco ali dorme
Entre o aconchego das heras.*

*Como uma voz que em segredo
Diz uma prece em saquia,
Sabe gerando um fio d'agua
Do coração de um rochedo.*

*Em toda esse templo immenso
Pairam mysticos olores
Que são as ondas de incenso
Do thuribulo das flores.*

*Ao alto, entre as arborescens
Das folhas, sorrindo á vista,
As nuvens desenham freixas
De uma belleza imprecisa.*

*Qual fiao tapeçaria
De caprichosas laçoas
Se estende a reixa náo,
Toda bordada de flores.*

*E, para mais esplendor
Dos ritos da floresta,
Faz o sol de cada fresta
Um egrio de airoso fulgor.*

*De pé, em a náos absorto,
Sob a cúpula do templo,
Ena ainto, em júbilo e contemplo,
Um doce e estranho conforto.*

*Parece que a treva deusa
Do meu coração se esvaia,
E, linda e risonha, cede
Sobre elle a aurora da creança.*

*Da fé a impudor suavia
Talvez e a grandefolia;
E uma oração proferida...
Mas duas garrulas uera*

*Vém em rápidos adejos
Beijar-se lá e a nos pés meus,
Como a dizer—ó com beijos
Que melhor se serve a Deus!*

9-10-95.

ANTONIO SALLES.

A Festa da Liberdade

A JOSÉ T. MARROCOS

As duas largas estradas reaes, que acompanham o fértil valle do Cariri são ambas marginaes pelos innumeros sitios dos agricultores que formam alli um poderoso nucleo da população cearense.

Estendend-se, valle acima, até as fraldas do Araripe as casarinas de habitação e de engenhos, alvas umas, vermelhas outras, e logo seguidas pelas casinhas de palha de palmeiras — rude habitação dos pobres *moradores*. Hoje são habitadas por homens livres; substituíram as chagas dos escravos que outr'ora formavam ao redor da casa da Fazenda a misera senzala.

A liberdade aproximou o pequenino do grande e substituiu o chicote pelo salario doce e proficuo.

Um dos grandes sitios do brejo é da propriedade do Sr. Bentes; um velho sexagenario, calvo, de compridas barbas brancas. Suas feições, bem acentuadas e resumbando nos traços correctos e bem dispostos de seu rosto imprimem-lhe um certo respeito, uma certa expressão de fidelidade caracterizada e augmentada por sua posição de senhor de engenho, rico e respeitado.

O Senhor Bentes era um velho vasado nos moldes antigos. Fora um grande proprietario de escravos e, como todos os velhos, era um monarchista convicto. Amigo enternecido do ex-Imperador, inimigo encarnado dos republicanos, com tudo, muitas vezes, quando zangava-se em os trabalhadores, justificava a Republica e dava a libertação dos escravos como causa immediata da queda da monarchia.

—Semelhante crime, dizia, não podia ficar sem um merecido castigo.

II.

Nos primeiros dias do Maio começava a moagem. A casa do engenho, sendo ao aroma agradável do moinho, apresentava nos grandes tachos de cobre, guardados na fornalha, incen-

dida todos os dias pelo fogo abrasador da lenha de estinguoira.

No tendal, já se contavam muitos centos de rapaduras, grandes, alvas, cheirosas, muito boas e muito doces.

Na roda do engenho, grandes picadeiras de canhas, naas, amolellas, feitas em pedregos, ao pé das tres moendas de ferro movidas por duas pautas de bois, presas a uma das manjarras.

No pasto os bois magros e gordos — que haviam sido sentos durante o inverno — casgavam o olho verde da canna e depois ao meio dia, rumavam a sombra do joazeiro como que tristes, pensativos e bores.

Os trabalhadores alegres, satisfeitos, desempenhavam o serviço entoadando cantigas e reconstadas de poesia e de amor.

Dos tabalheiros vinham cantando os carros cheios de lenha e para os tabalheiros voltavam ainda nostalgicamente cantando.

Um ruido delicioso de vida e de trabalho agitava todos os habitantes do sitio.

Pelas estradas os primeiros combonos do sertão começavam a passar.

O Sr. Bentes de calça e paletot, um grande lenço de chita na mão, fiscalizava todo o serviço.

Tudo muito em ordem, tudo muito bem dirigido.

Às 2 horas da madrugada, os dois homens encarregados de queimar a canna davam começo ao trabalho e um rapaz somnolento, com frio, montado a manjarra gritava de instantes a instante aos bois que andavam morosamente, preguiçosos.

Rompia o dia e todos os depositos estavam cheios de garapa. Começava o trabalho do esmoimento. Uma alegria jovial e communicativa renava entre todos os trabalhadores.

Em baixo o brejo, prodigiosamente fértil, estendia-se opulento de seiva e de vida.

III.

Uma bella manhã, o Sr. Bentes, levantou-se e não ouviu rumor algum para as bandas do engenho. Tudo silencioso, calmo; não se ouvia nem o conhecido grito do rapasinho tangendo os bois. O velho surpreendido e vexado correu até a grande casa da moagem e ali não havia ninguém; eram 5 horas da manhã e nem um só trabalhador!

—O que era aquillo? inquietou o velho enraivecido até os cabellos.

—Canalha! — Cabras desgraçadas! um dia perdido! um grande prejuizo aquelle!

O velho Bentes inimigo acerrimo dos deportadores do velho Pedro II, tornava-se republicano naquella dia e a Monarchia levou ali uma chuva de obrigatorias e qual mais poderosa, mais desaforada e mais philosophica.

—Este pobre patz, nas mãos destes cabras absolutos, sem um freio, sem o chicote, decidoamente vai ao abyssmo!

—E' este, é este, o grande bem da abolição dos escravos!

Depois de muito haver fallado, discutido e prognosticado, ouviu um som de gritos distantes, uma vozaria al-

re para as bandas das casas dos moradores.

—Ah! comprehendeva tudo: — era o samba do mestre Philippe!

—Estão bebados! estão todos bebados!

—Não havia que saber! era aquelle o resultado do samba ha tanto tempo fallado!

—Estão bebados! estão todos bebados!

—Canalha! repetia, o velho, cada vez mais enfurecido e despeitado.

IV.

De facto, ha muito que era esperado o casamento da Maria, filha do mestre Philippe, a cabocla mais bonita de todos aquelle sitios. Depois de engeitar muitos casamentos e de fazer muito cabra perder a cabeça, fora sempre conquistada pelo Z. Barbosa, que entre a vislhança, gozava de uma importância extraordinaria.

Aos domingos vestia uma calça e um paletot brancos e ia a missa todo repunpado, fazendo figura, em seu cavallo de sella.

—Pois, graças a Deus, tinha o que comer e um cavallo para montar!

A tarde todos os conhecidos chegavam a porta do mestre Philippe, para acompanhar os noivos. Este *catonodo* n'uma sobe-casaca de panño fino, curta e desageitada, nunca se via tão *budê* e a todos recebia presentemente.

O terceiro varrido caprichosamente e espacoso comportava todos os convidados que esperavam que a noiva acabasse de se *apromptar*.

A pequena casa estava cheia de mulheres n'um zum-zum ensurdecedor, e para traz, debaixo das ladeiras ferviam as panelas cheias de arroz e de galinhas.

Ao lado fermentavam os potes de aluá.

—Viva os noivos! era o grito que se ouvia de instante a instante ao euegar algum convidado que *riscava* no terreiro, orgulhoso e entusiasmado.

Depois de tudo prompto ao meio de —viva os noivos— seguiu estrada a tora para a cidade o grande acompanhamento.

A noiva marchava victoriosamente a frente da comitiva e era o alvo de todos os olhares por onde passava.

Depois do celebrado o casamento na Igreja, já a tardinha, voltaram no meio das estrepitosas aclamações.

Uma alegria immensa, indescriptivel renava naquellas almas simples e felizes.

Estenderam-se as mesas e entre um prazer expansivo de felicidade e de amor serviram-se com a familiaridade inimitavel e graciosa de simples sertanejos.

Os digos, engraçados as pilherias inoffensivas brotavam calorosamente daquella onda festiva e alegre.

V.

Depois começou o samba. Das violas afinadas, gemedinas, formavam a deliciosa orchestra onde pulpa, estremece e sopra a alma sensual dos filhos do sertão.

Ao som do *baão* calrava e farto dançavam os rapazes e as raparigas n'uma facciosa engraçada.

Mais tarde dois cantadores, vindo

am a attenção dos onvintes e as can-
tigas amorosas, simplicios, ungidas de
sentimento e de graça ajustavam-se ás
melodias das violas:

- Menina, quando te fores
- Mo escreves lá do caminho,
- Si não tiveres papel
- Nas asas de um passarinho!

- Da boera faz o tinteiro,
- Da lingua penna aparada,
- Dos dentes letra miúda,
- Dos olhos carta fechada!

O outro cantador querendo exceder
ao primeiro em ternura e amor
respondia com outras cantigas senti-
das e doces como o coração popular:

- Dentro do meu peito eu tinha
- Duas pombas jurity:
- Uma morreu de tristeza
- De tanto chamar por ti:

- A outra mais infeliz
- Bateu asa foi embora
- E lá no campo perdida
- Até hoje canta e chora!

Quando os dois cantadores das vio-
las caavam-se para descansar um
pouco ou tomar alva, appareciam os
amadores, os rapazes namorados que
viam alli entre as mulheres as peque-
nas trigueiras, a sorrir, amorosas e
ternas.

Vinham tambem botar a sua *lin*:
Então o Raymundo, que vivia sempre
triste e respeitoso cantava:

- O' minha Senhora Dona
- De minha veneração
- Considere no seu peito
- Si eu lhe quero bem ou não!

Saltava o Vicente, um caboclo fran-
sino, bem moreno, alegre toda a vida,
engraçado e pilherico:

- Menina, teu paé é pobre
- Tua mã; veste algodão
- Mentira casa commigo
- Que eu te dou mandapoló!

Outro que talvez não fosse da terra,
que sentisse longe o objecto do seu
amor, dizia cheio de saudade e tris-
teza:

- E lá vai o sol se pondo
- Em procura de meu bem!
- O coração só me pede
- Que eu bata os pés, vá tambem!

E nesse mavioso idyllio das vio-
las e das cantigas amanheceu o dia.
Ninguém alli se importava que fues-
sem ou não interrompidos os serviços
do Sr. Bentes, e que contra todos ca-
hisse o odio do patrão que mal ne-
nhum lhes podia fazer.

Mais tarde, socugados, tranquilos,
dormiam em suas pobres casas um
•omuo reparador e feliz.
Eram livres!

VJ

O velho proprietario passou o dia
em recriminações injuriosas, em dis-

sortações philosophicas, antevendo a
ruina inevitavel da Patria entregue ao
absolutismo dos cabras.

Nunca mais deixou de fallar neste
grande atentado, e quando tinha que
refirir-se directamente ao samba do
mestre Philippo, chamava-o ironica-
mente — a *Festa da Liberdade!*.

(Dos Perfis Sertinejos)

JOSÉ CARVALHO.

Sobre o lago.

A SABINO BAPTISTA

*Um joven par, em seu batel florido
Belouça na onda...*

RAYMUNDO CORRÊA.

Vae, como berço de anjos sobre o lago
Sorenando a balandra

Dos Noivos. . . Um affago, um outro affago
Permutam. E' manha: canta a calhandra
Rompendo o Azul: embaixo, os dois á tuna,
Rogam a Deus que os nunca mais desuna.

Desce vermelha e coruscante flecha
Do sol, e, em cima d'agua,
Estampa rubra placa, e não se véa
De vér que á Noiva causa tédio e magua;
E, mais que ousado, á bocca em flor, o bruto,
Põe-lhe um beijo capaz de um escorbuto.

Zanga-se a moça... O noivo quasi louco
De Amor por ella, assim a acaricia:
«Não foi nada... passou... recita um pouco...
Quero ouvir tua voz na poesia,
Voz de archaujo ou sereia,
Meiga, suave, gorgeante, ehoi».

Segue a balandra docemente—ca-e-a
De noz em pleno Come—
E, se não fora medo de borrasca,
Iria, sem que os dois tivessem fôme,
Dias inteiros, longos e ditosos,
Pois Noivos alimentam-se de Gozos.

E ambos em doce paz, cantarolando,
De meandro em meandro,
Percorrem todo o lago, recordando
Romeu e Julieta, Hero e Leandro,
Talvez. Mas com certeza um pensamento!
Borbulha-lhes na mente: o casamento.

Fêra no Amor e na Caricia pombo,
A cabeça no collo d'ella pondo,
O moço negligentemente, —zombo,
Diz, do Espectro hediondo
Da Morte, ó minha pulchra bem ama la!
E dá-lhe a bocca para sor beijada.

Ella—medrosa, tímida e andorinha—
Beija-a, e aperta, no entanto,
O Noivo contra o seio de rainha,
Duro, empinado, lactescente, enquanto
Jura que é d'elle, d'elle só, e o aperta
Com ancia tal, q' a Carne affim desperta!

Volta a balandra. Os noivos voltam como
Quem são do Paraíso...
Elle—comera o prohibido Pomo:
Traz o Peccado n'Alma e ao labio o Riso;
Ella—ao Peccado não se oppondo, a porta
Abre d'Alma á Excommunhão... que im-
porta!

Petropolis—1895.

AYELLAR FILHO.

AVISO

Pedimos encarecidamente aos nos-
sos assignantes do interior e dos
Estados, que se acham em atrazo, o
estimavel obsequio de mandarem pa-
gar e reformar suas assignaturas ate
o fim de Dezembro vindouro affim de
que não lhes seja interrompida a re-
messa d'O Pão de Janeiro em diante.
Para este importante assumpto cha-
mamos a attenção de nossos presti-
mosos correspondentes e agentes.

Outrosim: — prevenimos que, a
começar de Janeiro de 1896, não at-
endermos a nenhum pedido de assi-
gnatura que não venha acompanha-
do da respectiva importancia. Fiquem,
pois, avisados os nossos numerosos
teitores.

BIBLIOGRAPHIA

PHONOLOGIA PORTUGUEZA. — *Luiz
Cardoso*—S. Paulo 1895.

Quando se distribua a malla de um
dos ultimos vapores do sul, vi na mão
do Moacyr Jurema com outros livros
remettidos á Padaria uma pequena
brochura intitulada—*Phonologia por-
tugueza por Luiz Cardoso, precedida
dos traços graphicos do Dr. An-
tonio da Silva Jardim, pelo professor
Fernando Martins Bonilha Junior.*

Apesar da extensão desmesurada do
titulo, cresceram-me as vistas para o
livrinho, e como tenho predilecção
pelos estudos linguisticos, contisquei-o
logo.

Phonologia portugueza! — Este ti-
tulo fazia-me prebilar a satisfação da
leitura que ia fazer e eu ja contava
com a solução das questões mais trans-
cendentes da phonetica.

Abri o livrinho mal me achei em
casa... oh! decepção!... logo na 2.^a
pag. lê-se que—*os exercicios devem
entender-se á pequena descrições
de objectos e mais tarde á narrações
etc.*—certificando-me de que o Sr.
Luiz Cardoso que se arvora em pro-
fessor, ignora a função da crase e
confunde a simples preposição a com
a sua contracção no artigo feminino.

Mais adiante este peduchinho que
está mesmo denunciando a mão de
um professor: «Passando-se em
revista as linguagens de diferentes
povos notamos destas semelhanças
entre ellas, existindo entretanto entre
uma e outra diferenças sensiveis as
quas não podem deixar de ser at-
ribuidas senão ao meio: clima, ali-
mentação, etc.»

A' pag. 6 achamos a *divisão da lin-
guagem em dois ramos: — Geral e
Particular.*

Ea conhecia desde menino a distin-
ção de grammatica geral e particu-
lar, sendo a primeira a que se occupa
de factos geraes communs a todas as

muitas linguagens, o particular a que se occupa de uma só linguagem; mas *linguagem geral e linguagem particular* é cousa de que nunca ouvi fallar.

Existe, é certo, uma linguagem geral, que todo mundo entende, por exemplo: um ponta-pé nas nádegas, um bofetão, ou um beijo, mas essa linguagem nunca foi nem será objecto de estudos grammaticaes.

A' pag. 7 diz que a *lingua* é composta de tres elementos: *sons, formas e construcções*.

Engloba assim a grammatica ideada pelo Sr. Cardoso, a *musica, a plasticidade e a architectura*.

Isto porém não seria um grave defeito e apenas impropriedade ou deficiência de expressão, que não enfeimaria o trabalho do professor paulista.

Defeito mais grave notamos n'elle, e é que sendo uma obra didactica, em vez de instruir e corrigir, vicia a confusão a quem a lê, pois concorre, graças a ignorancia do seu auctor para inventar ou manter certos erros a que propendem ordinariamente os alumnos.

Uma das coisas mais difficilissimas um professor de portuguez é manter no espirito do alumno uma noção perfeita da quantidade das syllabas, que, quasi imperceptivel em portuguez, difficilmente se pode distinguir da accentuação. O livrinho a que me refiro, longe de explanar a differença e definir e exemplificar com precisão, concorre para manter e augmentar a confusão, pois a cada passo elle mesmo incorre n'ella.

Falta-me espaço para apontar todas as falsidades e desperates que o Sr. Luiz Cardoso teve a habilitade de arrumar em tão poucas paginas.

Limitar-me-hei a indicar ainda algumas, somente para dar uma idea do valor do livro.

Tratando de *figuras da prosodia*, com a *apherese, syncope, tmesis, paragogis, diastole, diereze* etc., inclue entre ellas a *assimilação e dissimilação*, fazendo assim duas graves confusões a um tempo.

Em primeiro lugar figuras de prosodia são somente aquellas que resultam sobre a accentuação ou quantidade (*syncope, diastole, diereze, e synerese*, e, quando muito por ampliação, a *synalopha* e a *orthipse* pela modificação que trazem ao rythmo da poesia.)

Depois, a *assimilação e dissimilação*, assim como o *abrandamento e a queda de sons*, são factos espontaneos que occorrem na evolução da lingua, são obra inconsciente do povo e actuaem sobre o vocabulo de um modo definitivo fazendo cahir em desuso a forma primitiva até perder-se inteiramente.

Os *metaplasmas*, as figuras de *dicção* (*apherese, syncope, apócope, prothese, epenthese, paragogis, tmesis*, etc.) são ordinariamente de iniciativa dos eruditos, alterações feitas conscientemente para adaptar o vocabulo a um rythmo convenconado, e só affectam accidentalmente o vocabulo, que continuará em todo outro caso a

conservar a sua forma propria, normal.

Iramos longe apontando senões como este. Nada diremos das incorrecções orthographicas, indesculpaveis em um professor (*LUGAR por LOGAR; APTERIVO por AUDITIVO* etc.)

Limitamo-nos por ora a lamentar que até mesmo no culto e adiantadissimo Estado de S. Paulo, que tão bella pleiade de eruditos tem dado ao Brasil, ainda haja quem possa pela sua ignorancia infatuada exercer uma influencia tão pernicioso sobre a população escolar, merecedora de todo o zelo e protecção.

Mais entristece-nos ainda a convicção que temos de que não faltará um conselho de Instrução Publica bastante esclarecido para mandar adoptar o livro do Sr. Cardoso nas escolas de algum Estado por ahi.

Concluindo, só nos resta protestar contra a inserção de uma tal biographia do eximio democrata e purissimo philanthropo Silva Jardim, de pranteada memoria, no dis aratado livro do Sr. Cardoso.

Ceará, Outubro 1895.

B. J.

Introdução às "Bucolicas"

A' MINHA MÃE.

A ti, querida mãe, que andas de mim
soffrendo a cegueira infanda d'esta
ou te sentas offeitar, saudoso e rece-
da possa velha aldeia esta remem-
brança.

A ti que ao meu pesar não és indif-
ferente,
e sentes como eu sinto a angustia in-
da Nostalgia atroz, que insana, me ou-
nos vai cagando na alma uns sulcos
de dolencia;

A ti que me embulaste os dias de cre-
ança,
e te consagra e offerece esta grata
—dores recordações, sentidas, melin-
cholicas...

Acolhe-a, e com o olhar olhar o es-
da senda do Futuro ao lado do teu
que te depõe aos pés estas pobres
(Bucolicas).

(Das Vagas.)

Ceará—Outubro—1895.

SABINO BAPTISTA.

Aventuras do Zé Guedes

Continuava o Zé Guedes de caixeiro na livreria, e o patrão cada vez menos o sympathizava.

Mais de uma vez dando a este solu-ção de alguma cobrança que por sua ordem havia feito, entrava por outro assumpto de conversas, e quando o velhinho dava accordo de si, interrompia-o logne dizia: está bom, vá para o seu serviço.

O Guedes retirava-se rindo maliciosamente tomava o chapéu e sabia a cobrança.

La aqui, la ali, e quasi em todas as viagens ia a casa, onde tinha sempre uma novidade que contar a maisinha que se alegrava bastante com saber daquelle coiza.

Tinha elle o costume de espiar o interior das casas, demorando-se ou andando de vagar em frente a toda porta ou janella aberta, de sorte que surpreendia o que se passava no lar alheio.

D. Zefa dava gostosas gargalhadas quando o Guedes lhe referia que tendo parado a porta do Capitão João Gomes vira a senhora deste batendo-o com um cabo de vassoura pelo corredor a fora de sorte que o pau já vinha rachado das pancadas, e que o capitão empurrara furiosamente a banda da rotula, e descomposera os meninos postados em frente da casa, exclamando um destes: está se ha de se zangar com a mulher que o vinha subugando, zanga-se com nos!

Em outra, occasião que vira o João Bento altercando com a senhora por motivo de cunhas, chegando até a arrastar sobre o sofa, de que resultou sobrevir-lhe uma syncope, e o marido buscando afflictivamente uma garrafa de Agua Florida para friccionar-lhe os punhos e a testa, passada a crise, viu-se que a pobre tinha sido untada com enxundia de galinha.

Em outra, que vira em casa do negociante Luiz Monteiro um moço, que alli se achava, aproveitando-se da pouca luz da sala, já quasi noite, dera um beijo na Marquinhaz, o que sendo visto pelo irmão, sujeito arcaico, agarrara-o sem mais preambulos pela abertura a com um pontapé no assento o tirara a rua, indo cair o namorado na lama da sarjeta.

Ainda em outra que presenciara brigando tremendo entre o Dr. Roberto de Almeida e sua senhora, por não consentir esta que o Dr. castigasse um seu filho de 12 annos de idade que lhe tirara do bolso do paletão uma nota de 20000 reis, e havia quebrado a cabeça de um pardo que o quizera pegar para ajuda do Bumba meu boi, e se havia recolhido a casa depois de meia noite.

O Guedes sabia de tudo, por que espiava todas as casas, escutava em todas as janellas e demais fôra criado na rua.

Depois de muitas traquinadas, o patrão, não podendo mais supportar o Guedes, mandou-o chamar ao escritorio.

O bom velhinho com a costumada zambidade diz-lhe: Sr. Jose Guedes não precisando mais dos seus serviços, agradeço-lhe a coadjuação que me prestou, e o dispense de minha casa. Estio aqui 18700 reis, saldo dos seus ordenados.

O Guedes um tanto surpreendido responde com todo o respeito: eu não sei, não!

—Porque não sabe?

—Porque eu estou muito bem aqui.
—Mas isso é que não me serve; não preciso mais dos seus serviços.

—Fico, embora o Sr. me rehusa o ordenado.

—Já resolvi despedir-o.

—O Sr. tenha paciência, eu não sou, não. Preciso do lugar e sei bem que não acharei outro igual em parte alguma.

—Não é possível; está despedido.

—Sr. Oliveira, por vida dos seus netos, que eu sei que quer muito bem, deixe-me continuar a ser seu empregado.

—Não me fale mais nisso; procure outra casa.

—Então não consente? eu estava tão bem aqui... não posso deixá-lo...

—Obrigado...

—Si é pelo ordenado, o Sr. me dará o que quiser.

—Ainda mais essa! disse o velho enfiando-se; não tratemos mais desse assumpto.

O Guedes ficou um momento em silencio, tomou os \$3700 e retirou-se vagarosamente.

Na rua encontrou-se com um camarada, a quem contou a sua desgraça, e este tendo-o ouvido, exclamou: vamos à casa do Antonio Varella que elle está precisando de um caixeiro.

Puriram.

Apenas falaram, o Guedes foi accedido com o dobro do ordenado que tinha tido até então, devendo entrar para o trabalho no dia seguinte.

O Guedes sahio com o camarada doudo de alegria, e no caminho gastou os \$3700 em cerveja, brindando-se um ao outro, este pela *santa* lembrança, aquelle pela felicidade *henta*, como elle dizia de ter sido aproveitado tão inesperadamente.

Outros camaradas se reuniram aos dois, concorrendo aquellos com cerveja para novos brindes, e um delles os levou até a casa da familia, onde se recrearam fartamente, sendo-lhes servida excellente refeição.

Separaram-se afinal ás 9 horas da noite entre abraços e protestos da mais firme amizade.

Chegando à casa, o Guedes encontrou a familia do Coronel Barreto, que viera retribuir a visita que lhe haviam feito seus paes, e nesse momento D. Sinha executava ao piano um trecho de musica escholada.

O Guedes depois de cumprimentar as pessoas presentes, dirige-se a D. Sinha, que acabava de sentar-se no sofa, e com estranha intimidade diz-lhe rindo: venho de uma festa, minha senhora, onde comi bôlo como o diabo.

A moça olhou para uns e para outros sem saber a que attribuir aquelle disparate.

D. Zefa veio salvar a situação, perguntando ao filho o que havia de novo.

—Fui desempregado da casa do Oliveira, mas em menos de meia-hora empreguei-me em casa do Antonio Varella, patrão dos melhores pela sua bondade e fortuna. Agora sim, dentro em pouco tempo hei de ser grande e abastado.

—Deixa de besteiras, Ze Guedes diz-lhe a mãe, e elle continuava a dizer coisas que provocavam o riso com surpre-

sa do Coronel, que notara não terem os paes a força precisa para fazel-o calar.

O Coronel estava *cheio*, pois que desde que se sentara os pequenos Manésinho, Quinquim, Lulão e Tonho o haviam cercado atraídos pelo brilho da medalha do relógio, e este era puxada com tanta força, que por mais de uma vez esteve elle a ponto de despedir-se della.

A calça branca, que a principio delicadamente elle tentou desviar das mãos daquelles *Queiruses*, tornou-se dentro em pouco um malambo — de sujeia amarrada; e as botas, as botas tão bem engraxadas, já haviam perdido o lustro de se treparem sobre ellas e as estrengarem com os pés.

A tudo isso assistiam indifferentemente o pai e a mãe.

Nada incommodava, porém, tanto ao Coronel, como as estocadas que o capitão Estevão lhe dava com o dedo indicador no peito, principalmente na cava do hombro, para prender a sua attenção, quando se animava na conversação, discorrendo sobre algum facto mais ou menos importante da vida cearense.

O Coronel procurava instinctivamente amparar com a mão a estocada, mas qual! que o capitão Estevão sem se sentir nem notar aquella disposição preventiva o *entrapa* no outro lugar, a cujo choque o paciente quasi sempre se retrahia.

Era de mais, o coronel fez signal a senhora e se retirou.

Ainda do lado de fora da porta soffreu o coronel diversas estocadas por despedida no offerecimento que de sua casta, e de tudo que era seu, fazia ao distincto militar.

Afinal separava-nos-se.

O Coronel ao dobrar a primeira esquina exclamou: Pra o diabo! nunca mais!

ANTONIO BEATRIZ.

A' ...

Anno-te. Oh! não! Adoraste, que é tuas.

Ver-te eis p'ra mim a unica ventura; Entanto em minha vida triste e escura, Jamais luziu o teu olhar, jamais.

Que, na rocha ríspida não medira Uma florinha só, uma siqueira! Quem sabe tens, talvez pobre mulher, Dentro do teu peito, na vocação de pedra.

ANTONIO DE CASTRO.

Album de estudos

IV

O PAI ANDRÉ

Ah! que medo que eu tinha aquelle velho africano de tez pretissima e grandes olhos amarellados!

Bastava o seu nome para fazer-me correr um calefrio dos pés a cabeça.

E commigo tinham no todos os meninos do povoado, sobretudo os *papistas*, os que se entregavam ao vicio de comer barro.

O pai André espalhava em torno de si

uma atmosphera de terror; no dia em que elle sahia a pedir as suas esmolas a treloga moninhada que sob mui mandando assolava as casas e as parentas alheias se recolhiam aos seus domílios, e si os pais a mandava à rua, era como si a mandasse ao cadafalso.

Quando o pai André, no seu gyro de mendicante nos chegava à porta, com que medroso acodamento eramos portador da esmola com o fim de captar-lhe as boas graças!

O preto velho não ignorava o seu poderio sobre os espiritos infantis e dello abusava um pouco, ameaçando-nos com quem mais com mutilações e funções anthropophagas.

Nos aterrorizavamis piamente em todos esses horrores e viviamos sob a pressão daquelle tyranno que todos os domingos sahia do seu antro e entrava no povoado, arrastado a um longo bastão, de juca e trazendo à cinta uma grande faca de matto, que era para nós a espada da exterminação.

As mães, na ausencia de força moral propria, succoriam-se ao prestigio terrífico do pai André, ameaçando os filhos com a delação das suas traquinadas a malheranças.

Nervoso e impressionavel mais que todos, eu tinha a obsessão daquelle sinistra figura de preto velho, com umas farras brancas sobre a cara forte e os olhos amarellados a rolar em lentamente nas orbitas negras.

A perda de grande parte da minha jovialidade devo ao pai André, que tantas vezes me fez suar frio e tremer como um doente de sazes.

Demais, e estimulava o pai André a trabalhar na casa da velha Zefa a confeitaria da terra. Nesse dia eramos obrigados a abster-nos de tapioas, de bróas e de bolos de milho, e esta abstenção nos era tão dolorosa como o nosso pavor e o nosso recolhimento forçado.

Quando fui perdendo o meio ao pai André, entrei para a escola...

Uma infancia attribulada a minha!

A. S.

ARCHIVO

Temos hoje que registrar e agradecer a recepção do seguinte:

—*Revista do Instituto Didactico* numero 1 e anno 1, publicada na Capital Federal sob a direcção dos Drs. L. Duque-Estrada e Leopoldo Freire.

—*Estatutos do Gabinete de Leitura Rio Branco* da cidade de Santa Rita do Passa-quatro, Estado de S. Paulo.

—*Regulamento da Inscrição Publica da Bahia*, publicado pelo Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, Governador do Estado.

—*Noticia Abreviada sobre o Município de Economia das Secções do Estado*, contendo a relação dos membros da directoria e pontos dos contribuintes.

—*PROMPTUÁRIO CIVIL E COMMERCIAL* excellente trabalho de intelligente compilação do Sr. Luiz de França Almeida Sá, actualmente inspector da nossa Alfandega, trabalho de grande utilidade para a classe da fazenda e para o commercio que nelle encontrarão copiosas informações e solução de importantes questões que se suscitam constantemente no applicação das leis aduaneiras.

Sombras

A ANTONIO SALLES

(Agradecendo a dedicatória de sua poesia—HISTÓRIA DE UMA LARVA).

*Chirilida o mim no antono
Da vida, em meio de dores?
Bem sabes que as borboletas
São cetasas, como os portos,
E vivem do mel das flores.*

*E como das-me essas penas
Douradas, que o amor gerou ??
São seras pra primavera,
E de minha vida essa era
Hu muito que ja passou.*

*Como acolher tua offrenda,
Porta, como a guardar ??
De seu sudário dourado,
Mas com seu bico de unido
Para em jardins adejar.*

*Sahira formosa ondina !
Que pena em era de manhãs
Achor tardes estiveiras
Em vez de risos só eis
A lamentar minhas cans.*

*Que pena, traço insecto,
Em vez de flor muito espinho !...
Chegares quasi ao sol posto
Pra vices per men desposto
Já velho, ao fim do caminho ?...*

*Que pena ! quanta saudade
Me fazes n'alma nascer !
Fica estar já este lar...
O coração precioso
Tanto amor pra te aquecer.*

*Que pena ! da vida o nectar
Fervida e hoje de espinho ?
Eis o que o tedio do mundo
Tem com despreso profundo
Pra o velho ao fim do caminho.*

Alto da Bimanga, 9 de Julho de 1895

RODOLPHO THEOPHILO

Imprensa Litteraria

Ante a publicação—fascículos 1.º e 2.º—Publica-se mensalmente na Capital Federal sob a direcção dos Srs. Brito Mendes e Felix de Mello, contando com um avultado numero de colaboradores nacionaes e estrangeiros, entre os quaes ha verdadeiras reputações litterarias. Diz-se *Revista d'Arte* e declara no artigo-programma não ser interpretado nenhuma escola, recebendo de braços abertos todo o bom, todo o purissimo Espirito da Arte, isto é, todo o talento, manifestado sob qualquer forma, qualquer que seja a escola.

Perdoe-nos a nobre collega, mas as suas 32 paginas desmentem completamente tao alta profissão de fe.

Quasi todos os colaboradores, registrados na Capta da Academia e que tinham produções nosduasfascículos

que temos a mão pertencem ao grupo dos *nephelibeus da Thebaida*, grupo que tem uma completa negação a Arte, e que forma a seita dos Quintessenciados da Alta Espiritualidade, seara onde não peneramos por não comprehendermos patavina do riscado.

O primeiro numero da *Academia* traz um bom retrato de Olavo Bilac e o segundo um outro de Alberto Silva, o poeta das *Matinara* e do *Invenio no mar*.

—MALA DA EUROPA, II, 33—Recebemos pela primeira vez a visita desta folha portugueza, publicada em Lisboa sob a direcção do Conselheiro Thomaz Ribeiro.

Traz este numero na primeira pagina o retrato do grande Pasteur e nos paginas contras diversos retratos e vistas de homens notaveis e monumentos da Europa e Brazil. Agradecendo a distincta collegia a honra da visita não podemos deixar de significar-lhe o nosso reconhecimento pelo modo lisongeiro com que acolheu *O Pão*.

—A RENASCENÇA, II, 35—Suspende com o presente numero esta excellente revista bahiana a sua publicação. E' para lamentar que uma capital como a Bahia não sustente uma revista nas condições da *Renascença* que tão bons serviços presta ao leito das patrias. Mas se em toda parte ha gente que gosta de ler jornais sem os pagar...

—REVISTA CONTEMPORANEA, II, 20—Sempre interessante e atrahente esta bella revista pernambucana. Criteriosa na escolha das materias que publica offerece nos seus leitores o presente numero da distincta collegia boa prosa e bons versos.

—A PENSA, II, 2—Traz o retrato do Dr. José Lino da Justa e collaboração do Dr. Thomaz Pompeu, Dr. José Lino, Lopes Filho, Anibal Theophilo e outros.

—GALERIA CEARENSE, 2—O retrato do Barão de Aratunha occupa a primeira pagina e nas outras tres nitidamente impressas, firmam he a lançados artigos os Drs. Antonio Augusto, Th. Pompeu, José Lino da Justa e outros. Interessante e bem feito este numero da *Galeria*.

Temos mais que registrar e agradecer as visitas das seguintes revistas vindas pelos ultimos paquetes do sul e norte: do Pará *Palavra*, n.º 3 e 4; A *Centella* (Cameia) n.º 1 e 5; do Maranhão *Philomathia*, n. 2; da Bahia a *Revista do Norte*, n. 15; de S. Paulo a *Instrução Popular*, n. 1 e da Capital Federal o *Journal Illustrado*, n. 12.

Temos tambem os ultimos numeros do *Don Quixote* e *Revista Illustrada* que estão na altura de qualquer elogio. Seria injustica não mencionarmos aqui como um primor o bella quadro que a *Revista* traz do bonquet-monarchista realisado em S. Paulo.

Um bravo ao Pereira Netto!

SABINO ALEXANDRE

CARTEIRA

OS BRILHANTES

Começou a ser distribuido pelos subscriptores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Theophilo.

A capa executada na *Lythographia Cearense* é um verdadeiro primor e a impressão, como tudo que sahe das officinas do Cunha Ferro, é esmerada.

Quanto a obra, é como todos sabem a historia das luctas em que se empenharam Jesuino Brilhante e a sua gente com familias inimigas e depois com as forças do governo.

A opulenta imaginação do Rodolpho emprestou no quadro tintas de colorido vivissimo sem por isto descambar no inverosmil.

A individualidade do Jesuino Brilhante com todos os seus odios e sympathias, as suas idiosyncrasias de doente, os seus assomos de generosidade, os seus golpes de audacia, os desvarios de facionismo—tudo foi cuidadosamente estudado a luz da psychologia moderna.

Mais de espaço, quando apparecer o segundo volume, faremos um estudo d'*Os Brilhantes* dando uma synthese das scenas capitais e apresentando o perfil do protagonista, tal como elle foi estudado na bella obra do Rodolpho.

FALLECIMENTO

Está de lucto o nosso querido compaheiro Sabino Baptista, pela morte do seu tio Antonio Baptista Guedes—um homem de bem, um trabalhador que so a morte arrancou a sua carteira da guarda-livros.

A NOSSA SESSÃO

Foi no castelletto do Rodolpho Theophilo que se realisou a nossa ultima sessão.

Bom copia de trabalhos foi exhibida lembrando-nos entre outros o conto—*Que teria dito o Fritz?* de Bruno Jacvas *Arcturians do Zé Guedes*, de Antonio Bezerra, o soneto *Triste jornada* de Antonio de Castro, os versos *No motto* de Antonio Salles, o soneto *No Corra*, de Carlos Porto Carreiro, etc. etc. Que julgue o leitor do valor litterario destas peças, das quaes publicamos hoje algumas.

Foi admittido como padeiro correspondente em M-nas o Dr. Mello Resende, actualmente nosso hospedeino, de uma brillante cultura litteraria e possuidor de outros bellos requintos que tornam a sua acquisição uma conquista honrosa para o nosso gremio.

Fimda a sessão, Rodolpho Theophilo offereceu aos convivas uma delicada refeição em que o consumo de iguarias—seja dito em honra nossa—foi inferior aos gastos de espirito (no singular) porque no plural não seria nada honroso...)

Antonio Bezerra deu a chave de ouro da festa narrando com a graça endabrada e inextinguível do seu talento *dezenove* algumas das suas impagáveis aventuras de rapaz, que elle continuava a ver a despeito dos seus cinquenta e tantos annos.

Uma festa deliciosa, enfim, da qual saõ sairemos de ter saudades, quando realisar-se uma outra que o Bruno Jacvas machinando e que, pelos modas vai ver, acenecanto.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebacoes do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BRENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE OIA

A MAIS ANTIGA DENTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. **Relógios** para dadas e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de **mais fino e mais elegante.** A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52

Aguilar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUILAR.**

69, RUA MAJOR FACUNDO

TYP-STUDART—Rua Formosa n. 46.